

# Experiências e espaços de mídia utilizados por moradores da favela da Providência no período pós-Olímpico

**Luiza Cunha Barata**

*Mestre pelo PPGMC - UFF*  
E-mail: luizacunhabarata@gmail.com

A transformação da cidade do Rio de Janeiro em cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016 trouxe diversos tipos de impactos para moradores da região. No entanto, as narrativas da mídia corporativa estiveram muito focadas em destacar tais mudanças de maneira positiva, o que nem sempre se concretizou desta forma para todos. O objetivo deste artigo é percorrer, por meio da etnografia, outros espaços de mídia que grupos favelados utilizam para relatar experiências com o espaço da cidade, neste momento posterior ao megaevento.

**Palavras-chave:** Megaeventos; Favelas; Territórios Midiáticos; Morro da Providência.

## Experiences and media spaces used by residents of the Providencia favela in the post-Olympic period

The transformation of the city of Rio de Janeiro into the host city of the 2016 Olympic Games brought various types of impacts for residents of the region. However, the narratives of the corporate media were very focused on highlighting such changes in a positive way, which did not always take place in this way for everyone. The objective of this article is to explore, through ethnography, other media spaces that favela groups use to relate experiences with the space of the city, at this time after the mega event.

**Key-words:** Mega Events; Favelas; Media Territories; Morro da Providência.

## Experiencias y espacios de medios utilizados por residentes de la favela de la Providencia en el período post-olímpico

La transformación de la ciudad de Río de Janeiro en ciudad sede de los Juegos Olímpicos de 2016 trajo diversos tipos de impactos para moradores de la región. Sin embargo, las narrativas de los medios corporativos estuvieron muy enfocadas en destacar tales cambios de manera positiva, lo que no siempre se concretó de esta forma para todos. El objetivo de este artículo es recorrer, por medio de la etnografía, otros espacios de medios que grupos favelados utilizan para relatar experiencias con el espacio de la ciudad, en este momento posterior al megaevento.

**Palabras-clave:** Megaeventos; Favelas; Territorios Mediáticos; Morro da Providência.

## Introdução

O campo de estudos dos megaeventos se expandiu consideravelmente nas últimas duas décadas e tende a ser cada vez mais explorado por um motivo instigante: as consequências dos grandes eventos para as cidades onde são realizados são imprevisíveis. De acordo com Strangio (2008), de forma simplificada, megaeventos seriam encontros que podem ser de vários tipos (de religião, culturais, esportivos etc), que se tornam eventos quando ocorrem em determinados espaços de tempo e, do ponto de vista de tamanho, devem atrair um amplo público, real e virtual.

Todo megaevento precisa ser divulgado em escalas mundiais, e transformá-lo em um evento midiático demanda certo esforço. Destaca-se, então, a cobertura jornalística feita por grandes empresas que costumam atuar na tentativa incansável de promover positivamente a cultura e a economia de cada uma das sedes do evento.

Talvez a Olimpíada seja um dos exemplos mais claros para o que é um megaevento. Se a realização dos Jogos Olímpicos impressiona pelo alcance mundial que tem, isso certamente tem a ver com o tipo de planejamento prévio que demanda, o espaço que passa a ocupar no noticiário e com as tensões que desperta em territórios onde são realizados.

Os Jogos Olímpicos foram realizados no Brasil pela primeira vez em 2016 e completaram um importante ciclo de outros megaeventos que aconteceram consecutivamente na cidade do Rio de Janeiro: XV Jogos Pan-Americanos (2007), a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20 (2012), a Copa das Confederações (2013), a Jornada Mundial da Juventude (2013), edições do Rock in Rio (2001, 2011, 2013, 2015) e a Copa do Mundo de Futebol (2014), além do carnaval e réveillon.

Em escala bem maior do que nos demais grandes eventos, a partir da intenção de candidatura da cidade aos Jogos Olímpicos de 2016, criou-se uma agenda de políticas públicas a serem desenvolvidas e executadas pelas três esferas de governos – federal, estadual e municipal – e que, certamente, contou com a divulgação em larga escala da mídia corporativa para afirmar-se. As intervenções no espaço da cidade se concentraram principalmente nas regiões onde as competições aconteceriam – Barra da Tijuca, Copacabana, Deodoro e Maracanã. Além delas, também se destacou a reforma para a Zona Portuária.

O projeto Porto Maravilha teve como principal objetivo transformar a região em novo ponto turístico do Rio de Janeiro. Depois de décadas de abandono, a reestruturação era predominantemente voltada para três bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo<sup>1</sup>, e foi considerada pelo então prefeito

1. A favela da Providência está compreendida entre os dois últimos bairros.

Eduardo Paes como o principal legado olímpico que ficaria para os cariocas.

As obras tiveram início com a simbólica demolição do Elevado da Perimetral<sup>2</sup>. Houve ainda a construção de museus, prédios de escritório e moradia, a formação de um novo pólo gastronômico, a abertura de avenidas, a realização de uma das mais emblemáticas ações de segurança pública, a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), e o início do programa habitacional Morar Carioca no Morro da Providência, que será analisado neste artigo.

O grande problema é que, para moradores da Providência, as obras que tomaram conta da favela e de seu entorno, trouxeram, como uma das consequências, a remoção aleatória de dezenas de casas. Ainda que houvesse denúncias de que o processo de demolição acontecia sem critérios e, até mesmo, sem aviso prévio, pouco foi noticiado pela mídia corporativa, bastante focada em enaltecer a nova reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Diante a falta de identificação com o que circulou pela grande mídia, o objetivo deste artigo é explorar, sob a perspectiva etnográfica, outros espaços de mídia que esses moradores percorrem para registrar suas perspectivas do que ficou de Cidade Olímpica para eles. Serão analisados territórios midiáticos de pessoas que ainda vivenciam impactos de um processo de adequação frente às consequências das transformações da cidade após o período de realização do megaevento.

Os *media territories*, ou territórios midiáticos, (Tosoni; Tarantino, 2013) são táticas simbólicas usadas por atores envolvidos em um conflito urbano em cidades midiáticas para promover representações específicas de si. O conceito busca dar conta de conjuntos heterogêneos de plataformas de mídia, conteúdos e dispositivos mobilizados por atores sociais para dar sentido ao conflito e impor, de certa forma, representações a respeito deles mesmos, de outras figuras que constituem a disputa e do espaço urbano (Tosoni; Tarantino, 2013).

A primeira etapa deste artigo vai trazer a contextualização do Morar Carioca na favela da Providência e breve análise da narrativa midiática predominante sobre o local. Como recorte para isso, será ilustrado o tipo de cobertura feita pelo Jornal O Globo justamente na semana em que a Providência se manteve em destaque na publicação: a semana de instalação da UPP Providência.

Em seguida, na segunda parte, será abordado o potencial da internet enquanto ferramenta de empoderamento para que grupos marginalizados consigam expressar suas perspectivas. Além disso, será explorado o conceito dos territórios midiáticos, enquanto novos espaços para a circulação midiática de moradores da Providência.

Na terceira etapa, estarão alguns dos exemplos de usos de territórios de mídia que pude observar durante a experiência etnográfica realizada na favela e em suas representações nas redes sociais. Cosme Felippen e Fatima Lima são dois morado-

2. A derrubada do elevado da Perimetral teve início no dia 22 de novembro de 2012 e ligava alguns bairros ao terminal rodoviário da cidade.

res da Providência, com quem pode estar em contato por cerca de um ano, e fazem frequente uso de ferramentas de tecnologia para divulgar a relação que têm com a favela. Como outro ponto em comum, ambos percorrem e criam novos espaços de mídia para incentivar vínculos entre o espaço (físico) da favela e moradores.

## Contextualização do Morar Carioca na Providência e a narrativa midiática predominante

Em uma das poucas entrevistas publicadas na grande mídia que trouxe denúncias sobre a recente reforma urbana realizada na Providência, Dona Chiquinha, moradora há mais de 40 anos da favela, revelava que as obras haviam se transformado em “terror psicológico”: “(...) ninguém explica o que vai acontecer conosco e o que significa essa pichação nas nossas portas. Daqui eu não saio” (O Dia, 2013).

As pichações, às quais Dona Chiquinha se referia, eram as iniciais da Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro (SMH), que se espalharam da noite para o dia nas portas das casas na intenção de notificar, silenciosamente, quais casas seriam demolidas.

O programa habitacional Morar Carioca foi a mais recente experiência de intervenção do estado na arquitetura das favelas da cidade do Rio de Janeiro. A ação previa a inclusão de uma série de investimentos voltados para infraestrutura. Com proposta ambiciosa, previa a reurbanização de todas as regiões faveladas da cidade até 2020.

Pelo programa, se recuperava também o discurso sobre a promoção da dignidade aos moradores das áreas consideradas “mais carentes” da cidade e sobre a importância de uma política de segurança, que também estava em curso, e fosse capaz de garantir a execução do projeto. O Morar Carioca foi lançado em 2009, quando, não por acaso, a cidade do Rio de Janeiro estava caminhando para etapas finais do processo de candidatura à sede dos Jogos Olímpicos de 2016<sup>3</sup>.

Especificamente para o Morro da Providência, o Morar Carioca significaria o investimento de mais de R\$130 milhões para atender a cerca de cinco mil moradores. No papel, estava prevista a construção de um teleférico, de um plano inclinado e melhorias na infraestrutura local por meio da implantação de drenagem, redes de água e esgoto e o reassentamento de, assim como a de Dona Chiquinha, outras seiscentas e setenta casas que estavam instaladas em áreas consideradas como “de risco”<sup>4</sup>.

Esta não foi a primeira vez que a favela da Providência passou por uma reforma urbana. Já se foram dezenas delas, motivadas quase sempre por interesses externos aos dos moradores da primeira favela formada no país<sup>5</sup>. Localizada na Zona Portuária, a Providência compreende os bairros do Centro, Santo Cristo e

3. A confirmação da candidatura aconteceu no mesmo ano.

4. A classificação foi investigada pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, ao receber denúncias de engenheiros que consideraram a ação da Secretaria Municipal irresponsável e sem embasamento.

5. O dado é motivo de polêmica entre pesquisadores, no entanto, dados históricos da Prefeitura do Rio de Janeiro consideram-na como tal.

Gamboa. A formação do Morro da Providência teve início ainda no final de 1890, muito por conta do intenso fluxo migratório que se voltou em direção ao Rio de Janeiro e o descompasso entre o número de moradias disponíveis. Dados oficiais disponíveis mostram que, em 2010, a favela chegou a registrar 4.889 habitantes distribuídos em 1.465 casas<sup>6</sup>.

Quando falamos em mais de cem anos de existência de favelas, também podemos dizer que são quase mais de cem anos de políticas que, pelo menos em algum momento, se confundiram com ações de extermínio das favelas e contaram com algum tipo de apoio da Polícia Militar para serem realizadas. Situação que não foi diferente durante a realização do Morar Carioca.

Desta vez, o apoio da PM aconteceu por meio da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora<sup>7</sup>. O diferencial, de acordo com a Secretaria Estadual de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, era que, por estarem instalados permanentemente em bases dentro das favelas, os PMs acabariam estabelecendo certo vínculo com os moradores e garantiriam o panorama ideal para que o estado promovesse outros tipos de intervenções nas favelas.

O contexto pré-olímpico esteve marcado, dessa forma, por uma nova tentativa de “convivência” dos outros espaços da cidade com as favelas, ainda que, para isso, a força policial precisasse, mais uma vez, estar entre as prioridades.

Beatriz Jaguaribe (2011) aponta que não fora por acaso que planos de intervenção do estado se intensificaram nestes espaços (das favelas) durante a preparação para o megaevento da Olimpíada. Para a pesquisadora, as favelas cariocas acabaram virando *trademark* da cidade do Rio de Janeiro. Há a mistura entre o fascínio e o horror frente à imagem de favelas violentas, degradadas e o fascínio e glamour da favela estilizada e autêntica.

Os programas de urbanização, pacificação e melhoramentos das favelas cariocas, portanto, não apenas visam atender a uma urgente agenda social como também constituem uma parte estratégica da promoção da imagem do Rio de Janeiro atrelada à favela. Trata-se de uma repaginação da dicotomia da “cidade partida” para uma nova reinvenção da cidade integrada. Não sabemos qual será o êxito desta repaginação. Mas o crucial é apontar que a domesticação da favela ao invés de sua erradicação indica uma mudança no ideário sobre a cidade ideal, implica numa valorização democrática e numa mudança de parâmetros culturais (Jaguaribe, 2011, p. 343-344).

Narrativas midiáticas sobre megaeventos têm o importante papel de vender a cidade e promover lucro para as próprias empresas de mídia. Como Jaguaribe (2011) explica, no caso mais específico do Rio de Janeiro, que recebeu dois grandes megaeventos em um curto espaço de tempo, o discurso que se aplicou teve e ainda tem a fundamental finalidade de ajudar a tecer uma nova imagem do Rio de Janeiro e contri-

6. Os números são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

7. A primeira Unidade de Polícia Pacificadora foi instalada no Morro Santa Marta, Zona Sul do Rio, ainda em 2008 num projeto-modelo que representaria o possível formato de aproximação entre policiais e moradores a ser seguido nas demais favelas. A UPP Santa Marta apresentou resultados positivos e o sistema foi implantado também em duas favelas da zona Oeste, quando depois retorna à zona Sul, chegando à Babilônia e Chapéu Mangueira, Pavão-Pavãozinho e Tabajaras.

buir para atrair investidores. A pesquisadora Vânia O. Fortuna corrobora com a ideia, ao apontar que:

Os discursos conferem representações à cidade, que é reinventada e redimensionada a partir de relatos que se colocam à disposição de tensões que se imprimem entre o espaço público e o espaço da mídia. Essas interações discursivas geram imaginários sobre uma cidade que se quer ideal, global, pronta para ser consumida como espetáculo. (Fortuna, 2013, p. 2-3).

O Jornal O Globo, publicação com maior distribuição paga no estado do Rio de Janeiro, pode ser um dos exemplos que embasam tal tendência midiática. A cobertura jornalística feita durante a semana de implantação da UPP na Providência<sup>8</sup> se dedicou, principalmente, a mostrar como a região necessitava da intervenção policial para que projetos, como o Morar Carioca, pudessem sair do papel.

As matérias publicadas em março de 2010, quando falavam do tema, pareciam repetir o passo a passo de uma receita. Havia a descrição da situação factual – entrada e instalação da polícia militar no morro – somada a falas de especialistas ou representantes de órgãos públicos que enumeravam os benefícios de tal ação, sempre reiterando que as melhorias seriam aproveitadas por todos. No entanto, raras foram as aparições em que moradores foram chamados para falar sobre o tema<sup>9</sup>.

No dia 28 de março, o próprio secretário de habitação à época foi convidado a falar sobre as intervenções militares na favela. Em uma narrativa construída a favor da PM e das obras, Jorge Bittar chamou a derrubada de casas de “desocupação” e afirmou que tal ação seria essencial para a abertura de espaços onde aconteceria a prometida reurbanização da região. Ao final, foi categórico: todos os esforços durante as obras na Providência seriam válidos, afinal, faziam parte do grandioso projeto Porto Maravilha.

## **Outros espaços de mídia, outras versões sobre o mesmo conflito urbano**

Na contrapartida da massacrante “versão oficial” que estampou grandes jornais, diversas iniciativas organizadas por moradores da Providência foram lançadas, principalmente no ciberespaço, na tentativa de dar conta de outras versões sobre interferências na favela durante a preparação para o megaevento olímpico<sup>10</sup>.

Historicamente, grupos minoritários agem pelo que Henry Lefebvre (2008) chama de “direito à cidade”, que seriam formas de buscar representatividade e, principalmente, garantir, por meio dela, o cumprimento de direitos que garantam a permanência desses grupos em centros urbanos. Leonardo Custódio

8. A UPP da Providência começou a ser implantada no dia 20 de março de 2010, com a entrada de militares. A unidade foi inaugurada, oficialmente, no dia 26 de abril do mesmo ano. Outras informações estão disponíveis no site: <http://www.upprj.com/>.

9. Cheguei a essa conclusão durante trabalho de conclusão de curso em Jornalismo apresentado ao Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, em 2014.

10. Tal tendência não é especificidade do contexto da Providência. Pablo Nunes (2017) aponta que os “bairros (da cidade do Rio de Janeiro) em rede” (p.6) se popularizaram, principalmente, após as manifestações de 2013.

(2016) mostra que, desde o início da década de 1940, grupos favelados passaram a se organizar em grupos de ações coletivas para lutar por temas ligados a disputa do território urbano, como regulamentação de moradias e ações governamentais arbitrárias. No início, as ações aconteciam por meio da formação das associações de moradores, discussões com grupos locais e distribuição de panfletos que denunciavam as recorrentes violações de direitos.

Com o passar dos anos, e em organizações um pouco mais elaboradas, há de se destacar também a formação e desenvolvimento de jornais e rádios locais, e a contribuição de ONGs, que passaram a atuar ao lado dessas pessoas. Esse conjunto de práticas sociais desenvolvido pode ser chamado de *mediativismo de favela*. Custódio (2016, p. 22) destaca que o complemento “de favela” é necessário, uma vez que “o problema é que “mediativismo”, por si só coloca ações coletivas dentro e fora das favelas como iguais. Mas na minha pesquisa, eu percebi algumas diferenças importantes entre *mediativismo* na favela e fora dela. Por isso, adicionei “de favela” para ser bem específico”.

*Mediativismo de favela* seria, portanto, o conjunto de formas dos moradores se organizarem e produzirem informações e conhecimento de engajamento em lutas do dia a dia nos centros urbanos, por justiça, dignidade, direitos, valorização de tradições e culturas, e outros tantos assuntos políticos que fazem parte das favelas. Neste processo, vozes e debates de grupos marginalizados ganham força e conseguem, inclusive, influenciar narrativas jornalísticas.

Novas formas de *mediativismo de favela* foram e têm sido constantemente impulsionadas e renovadas por meio das novas tecnologias da informação e da comunicação, principalmente por meio do ciberespaço. Isso porque o ciberespaço, diferente de outros tipos de mídia, pode permitir maior participação dos grupos marginalizados na produção daquilo que circula.

É importante esclarecermos que o ciberespaço não deve ser considerado ferramenta capaz de aniquilar preconceitos ou diferenças sociais. E não é um objetivo deste trabalho apresentá-lo como se fosse. Seria bastante incoerente e insuficiente apontarmos o acesso ao mundo online como solução única para a exclusão social, sem levar em consideração que, para se “existir” nele, é preciso ter acesso a ele, o que dispõe de custo e que frequentemente ainda está longe de ser realidade para muitas pessoas<sup>11</sup>. Além disso, também não podemos levar em conta que os relatos que pretendemos analisar teriam o mesmo tipo de alcance que publicações de grandes jornais ou portais de notícias, por exemplo.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de notar que o uso crescente de ferramentas online pode trazer importantes impactos sobre informações que circulam. Números apresentados pelo Instituto Data Favela, encomendados pelo Facebook, mostram que, dos mais de 12 milhões de moradores de favelas en-

11. Dado retirado do Mapa da Exclusão, 2003.



12. Há de se admitir que a concentração se dá, principalmente, em favelas das grandes capitais brasileiras.

13. As páginas podem ser encontradas nos seguintes endereços: <https://www.facebook.com/zonaportuariaalerta>, <https://www.facebook.com/zonaportuaria> para quem,

<https://www.facebook.com/roledosfavelados>, <https://www.facebook.com/favelacineclube>.

14. Um dos resultados desta pesquisa mostra que, não se torna sinônimo de que, porque aquelas pessoas estavam no ciberespaço dando seus relatos sobre questões bastante específicas, como reforma urbana e habitação na favela da Providência, elas estavam dispostas a falar sobre os temas a qualquer pessoa “de fora” daquele contexto, o que foi bastante decisivo para o desenrolar da pesquisa. Dentre várias abordagens feitas, somente dois moradores aceitaram participar do processo etnográfico.

15. O termo faz referência a uma expressão comum entre ativistas, que se refere à necessidade dos moradores de favelas narrarem as próprias histórias.

trevistados, mais de 80% deles têm acesso à internet<sup>12</sup>. Dos entrevistados, 74% declararam acessar a internet pelo menos uma vez por semana, números acima da média nacional, próxima aos 61% da população.

A partir do momento que contamos com o acesso à internet, torna-se bastante fácil encontrar inúmeras publicações organizadas pelos próprios moradores. Ao buscarmos por algumas palavras-chave como “moradores” e “Providência” no Facebook, rede social selecionada para o início desta pesquisa etnográfica, podemos encontrá-las. As páginas Zona Portuária Alerta, Zona Portuária para Quem, Rolé dos Favelados e Favela Cineclubes<sup>13</sup> são alguns desses exemplos<sup>14</sup>.

Este tipo de conteúdo, que valoriza a narrativa “nós por nós”<sup>15</sup>, pode ser considerado um dos casos do que Simone Tosoni e Matteo Tarantino (2013) chamam de territórios midiáticos.

A relação entre espaços urbanos e o papel da mídia tem sido cada vez mais estudada e, devido ao incremento e propagação de ferramentas tecnológicas, constantemente renovada. A nova linha teórica que vem se desenvolvendo, no entanto, propõe a mudança do foco considerado “midiacentrado” dos estudos anteriores e desloca o eixo principal de análise para o uso de ferramentas e modelos de comunicação por “pessoas comuns”, como parte do dia a dia, em grandes centros urbanos conectados. Assim, a partir da análise desses usos, podemos entender a relação das pessoas com a grande mídia corporativa.

Outras diferenciais determinantes são a ideia das grandes cidades como espaços completamente saturados de mídia e a questão do conflito urbano como algo presente nas megalópoles. Del Romero Renau e Trudelle (2011) definem como conflito urbano insatisfações que surgem a partir de reivindicações opostas sobre recursos urbanos, como espaços, infraestrutura e serviços. A partir do momento que grupos não se sentem representados pela mídia, e fazem reivindicações como essas, de forma que podem agir, inclusive sobre a produção de informação que circula, há importantes reflexos na questão da audiência.

Tosoni e Tarantino (2013) partem do princípio de que, nos grandes centros urbanos, a audiência da mídia não é mais estática a ponto de ser apenas receptora, nem meramente participativa. A nova audiência das grandes cidades é formada também por pessoas que dispõem de ferramentas tecnológicas com potencial de promover impactos significativos sobre o que se produz de mídia (Tosoni; Tarantino, 2013, p. 575).

Os pesquisadores consideram que esses grupos estão imersos em constantes conflitos urbanos e em espaços de intensa produção midiática, o que promove o sentimento de “esgotamento sobre formas mais tradicionais de mídia” (Tosoni, Tarantino; 2013, p. 574), como jornais impressos ou telejornais, por exemplo. E esse contexto de cidades esgotadas de mídia faz com que haja

a busca, principalmente por populações normalmente marginalizadas, por novos espaços midiáticos onde consigam fazer valer o seu “eu”, retratar suas experiências a respeito da disputa de território ou até mesmo reforçar o sentimento de repulsa que têm pela mídia tradicional.

Isso não significa que essas pessoas obrigatoriamente não busquem mais se informar pela TV, rádio ou por grandes portais, por exemplo, ou que neguem esses meios como fontes informativas. Só que a nova gama de possibilidades de acesso à informação permite que o processo não seja só baseado na recepção, mas sim que aconteçam trocas e combinações do uso de mídia que trazem impactos relevantes à grande mídia. Com o crescente uso de ferramentas tecnológicas, as pessoas “comuns” podem passar a ter uma nova postura em relação ao papel de ser audiência da grande mídia. Incluindo a possibilidade de deixar de sê-la e deslocar-se para outros territórios onde sintam maior identificação ou reconheçam algum tipo de representação.

## **Trajetórias pelos territórios físico e midiáticos de moradores da Providência**

Entender a comunicação urbana nas grandes metrópoles é compreender vozes polifônicas diversas e copresentes e meios por onde elas se expressam, em que “os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas” (Canevacci, 1993, p. 15). A partir do trajeto por tais itinerários, é possível compreender e elaborar “mapas urbanos invisíveis” que constituem o conjunto de recordações que as próprias cidades emergem (p. 22).

Ao longo de 2017, quando estive em contato com alguns dos moradores da Providência, pude comprovar que o ciberespaço, de fato, tem sido importante meio para impulsionar produções midiáticas. Apesar das diferenças que compõem o visual da favela, o mais surpreendente não foi constatar que o acesso à internet é algo completamente recorrente. Mas sim comprovar que a presença do celular, enquanto dispositivo móvel de acesso às redes, é também ferramenta capaz de atravessar a hierarquia horizontal que divide o Morro da Providência.

A Providência, assim como a maioria das favelas está longe de ser figura homogênea da configuração urbana. A primeira parte da Providência é formada por casarões que tomam conta das ladeiras que ligam o asfalto à metade do morro. Em sua maioria, são casas muito largas, vilas ou prédios baixos, praticamente todos pintados ou de azulejos. Na segunda camada,

além das casas, estão as duas maiores estruturas que deveriam ser símbolos da reforma da Zona Portuária para a favela e maiores representações da presença do Estado na região, mas, na prática, não funcionam conforme o previsto<sup>16</sup>.

Por fim, há uma ruptura extremamente brusca com a primeira e segunda partes da Providência: sem qualquer tipo de aviso prévio, a rede de esgoto deixa de existir, os paralelepípedos ficam para trás, o chão passa a ser de terra batida e o lixo é acumulado em espaços onde deveria haver calçadas. Lá estão pequenas casas amontoadas que, ao mesmo tempo em que parecem depender umas das outras para manterem-se de pé, parecem também disputar espaço entre si.

Nas três etapas, há pessoas conectadas por meio de celulares, sem a necessidade das praticamente extintas *lan houses* para estarem nas redes. Fatima Lima e Cosme Felippen são apenas dois exemplos desta realidade.

Conheci Cosme através do Facebook<sup>17</sup> e participei de três encontros com o morador. Cosme tem 27 anos, vive na Providência e é guia turístico de lá. Além da página pessoal que mantém, administra o projeto Rolé dos Favelados.

Em muitos momentos, os dois formatos de publicação no Facebook se confundem e se sobrepõem. O perfil pessoal não conta apenas com informações sobre a vida particular de Cosme, mas é muito abrangente e replica todo tipo de postagem feita em relação ao rolé. Baseado em publicações e em entrevistas dadas à grande mídia, Cosme se destaca como uma das vozes principais em várias denúncias que circularam sobre o Morar Carioca e o direito de permanência de outras pessoas que estiveram sob ameaças. Ainda que a crítica à grande mídia seja recorrente nas páginas que mantém, participar de determinadas reportagens também pode ser oportunidade de expandir sua visão sobre a Providência.

Com a mesma facilidade que incorpora o território físico da favela aos territórios midiáticos que faz uso, Cosme incorpora sua história pessoal ao espaço físico da Providência e vice-versa. Enquanto apresenta o espaço da Providência aos participantes do guiamento que faz – e eu pude presenciá-los por três vezes –, na verdade está apresentando a si mesmo. Se, pela descrição nas redes o morador afirmar ser “Cosme Felippen, O Favelado” e é responsável pelo projeto do Rolé dos Favelados, durante o trabalho que realiza consegue confirmar que é “o próprio favelado” e, por isso, tem autoridade para falar sobre a favela<sup>18</sup>.

Cosme acessa a internet pelo celular, com a mesma velocidade que realiza outros afazeres. Realiza *lives* com frequência, publica textos nas redes sociais e faz questão de, praticamente em todas as publicações, marcar a localização “Providência”.

Também pelas redes sociais, Fatima Lima demonstra preocupação não apenas com o que moradores da Providência estão consumindo de mídia, mas também em como as pessoas devem se informar para criar novos formatos de comunicação.

Ao analisar o tipo de publicação que explora em seu perfil pessoal, Fatima

16. O teleférico da Providência operou do dia 2 de julho de 2014 a meados de dezembro de 2016, quando paralisou totalmente as atividades por falta de uma peça que precisava ser importada. A Unidade de Polícia Pacificadora da Providência fica próxima ao teleférico e, assim como as demais instaladas em favelas do Rio de Janeiro, parece tentar resistir aos últimos dias.

17. Nosso primeiro contato aconteceu em setembro de 2016. O perfil do morador está disponível em: <https://www.facebook.com/cosme.felippen>.

18. Nota de trabalho de campo, 10/12/17.

convoca grupos para, de maneira geral, participem de movimentos sociais e se informem por meio de publicações alternativas. Para promover tais orientações, Fatima geralmente faz posts acompanhados de palavras como “lute”, “exija seus direitos” ou “conheça seus direitos”, verbos e ações que, dificilmente, estão presentes na narrativa midiática corporativa e caracterizam territórios midiáticos alternativos.

Fatima chegou a ser removida durante as obras do Morar Carioca e foi realocada para um dos poucos conjuntos habitacionais disponíveis. A mulher, no entanto, neste momento pós-olímpico, já não usa as redes sociais para denunciar tal ação, mas sim para manter atualizada a memória de moradores da Providência por meio do Favela Cineclube, que faz sessões de cinema com certa periodicidade dentro da favela e propõe debates sobre os mais diversos temas. Além do perfil pessoal, Fatima também administra o perfil do projeto<sup>19</sup> no Facebook, que leva o mesmo nome. Praticamente tudo que diz respeito à produção de mídia serve para reforçar a importância de manutenção da comunidade favelada da Providência como um todo.

Ao contrário de Cosme, Fatima não circula por territórios midiáticos da grande mídia com objetivo principal de se manter informada, mas sim de criticá-los e como forma de embasar sua trajetória midiática, ao optar pelo conteúdo alternativo<sup>20</sup>. Além disso, pela clara desconfiança que mantém com veículos da mídia corporativa, a moradora da Providência divulga eventos e atividades que incentivem que as próprias pessoas tenham condições de produzir outros conteúdos.

Apesar de administrar o perfil pessoal e a página de divulgação do projeto, o conteúdo das duas publicações é facilmente distinguível. Enquanto no próprio perfil<sup>21</sup>, Fatima publica a respeito de diversos coletivos que incentivam produções midiáticas alternativas, incluindo o Favela Cineclube, e trata mais de questões ligadas à vida pessoal – como fotos de aniversários, por exemplo – no perfil do cineclube, trata apenas de material relativo ao projeto, não fazendo nem mesmo divulgação de outros cineclubes ou projetos similares.

## Conclusão

Neste momento pós-olímpico em que fiz o trabalho de campo, pude observar ainda que a desconfiança dos moradores com os meios corporativos de mídia parecem estar ainda mais acentuada. Não é inédito que grupos favelados não se satisfazem (mais) com o que circula pelos grandes jornais. No entanto, neste momento imediatamente posterior à abordagem otimista da mídia corporativa, a valorização de novas formas de circulação de mídia acabou sendo uma consequência deste processo.

A circulação de perspectivas pelo ciberespaço, como as de Fatima, Cosme e as que são apresentadas nas páginas dos projetos Favela Cineclube e

19. <https://www.facebook.com/favelacineclube/>.

20. Nota de trabalho de campo, 16/02/18.

21. A página pessoal de Fatima pode ser encontrada aqui: <https://www.facebook.com/fatinha.lima.108>.

Rolé dos Favelados, dá suporte e é capaz de impulsionar o engajamento entre os próprios moradores e também com o território onde vivem. Estas são apenas duas das dezenas de iniciativas que valorizam o espaço da Providência para promover também novos vínculos sociais com grupos – de fora ou de dentro da favela – com a Providência. Uma vez que ambas não extrapolam o mundo digital, são também convites para que pessoas “de fora” conheçam e percorram a favela.

Além das estratégias impulsionadas pelo ciberespaço, o próprio território físico da Providência é transformado em territórios midiáticos, tanto por Cosme, quanto por Fatima, gerando, assim, um outro tipo de audiência, formado por pessoas que buscam conhecer, ver e ouvir as “outras” versões de conflitos urbanos.

Cabe esclarecer que não busco dizer que todos os moradores da Providência se portam, midiaticamente falando, como Fatima ou Cosme. Nem mesmo sugerir que devessem relatar experiências deste momento pós-olímpico da mesma maneira que os dois as fazem. Mas sim valorizar e exemplificar, a partir da perspectiva de Cosme e Fatima, iniciativas midiáticas que têm se popularizado em diferentes contextos.

## Conclusão

Neste momento pós-olímpico em que fiz o trabalho de campo, pude observar ainda que a desconfiança dos moradores com os meios corporativos de mídia parecem estar ainda mais acentuada. Não é inédito que grupos favelados não se satisfazem (mais) com o que circula pelos grandes jornais. No entanto, neste momento imediatamente posterior à abordagem otimista da mídia corporativa, a valorização de novas formas de circulação de mídia acabou sendo uma consequência deste processo.

A circulação de perspectivas pelo ciberespaço, como as de Fatima, Cosme e as que são apresentadas nas páginas dos projetos Favela Cineclube e Rolé dos Favelados, dá suporte e é capaz de impulsionar o engajamento entre os próprios moradores e também com o território onde vivem. Estas são apenas duas das dezenas de iniciativas que valorizam o espaço da Providência para promover também novos vínculos sociais com grupos – de fora ou de dentro da favela – com a Providência. Uma vez que ambas não extrapolam o mundo digital, são também convites para que pessoas “de fora” conheçam e percorram a favela.

Além das estratégias impulsionadas pelo ciberespaço, o próprio território físico da Providência é transformado em territórios midiáticos, tanto por Cosme, quanto por Fatima, gerando, assim, um outro tipo de audiência, formado por pessoas que buscam conhecer, ver e ouvir as “outras” versões de conflitos urbanos.

Cabe esclarecer que não busco dizer que todos os moradores da Providência se portam, midiaticamente falando, como Fatima ou Cosme. Nem mesmo sugerir que devessem relatar experiências deste momento pós-olímpico da mesma maneira que os dois as fazem. Mas sim valorizar e exemplificar, a partir da perspectiva de Cosme e Fatima, iniciativas midiáticas que têm se popularizado em diferentes contextos.

## Referências

- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CUSTÓDIO, Leonardo. **Midiativismo de Favela**: Reflexões sobre o processo de pesquisa. Finlândia: University Of Tampere, 2016.
- FORTUNA, Vania Oliveira. **Cidade e Megaeventos**: Espetáculo midiático, exploração de sentidos. 2013. 15 p. Artigo (Doutoranda em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.coneco.uff.br/sites/default/files/institucional/cidade\\_e\\_megaeventos.pdf](http://www.coneco.uff.br/sites/default/files/institucional/cidade_e_megaeventos.pdf)>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/IBRE. **Mapa da Exclusão Digital**. Rio de Janeiro: Marcelo Côrtes Netri. CPS, 2003.
- JAGUARIBE, Beatriz. **Imaginando a “cidade maravilhosa”**: modernidade, espetáculo e espaços urbanos. Revista FAMECOS, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 327-347, 2011. ISSN 1980-3729. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9054>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.
- TOSONI, SIM ONE; TARANTINO, Matteo. **Media territories and urban conflict**: exploring symbolic tactics and audience activities in the conflict over Paolo Sarpi, Milan. International Communication Gazette, 2013. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1028.856&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

### Notícias Jornalísticas

**Prefeitura marca com tinta casas que seriam demolidas na Providência**. In: Jornal O Dia, 21 de maio de 2012. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/prefeitura-marca-com-tinta-casas-que-ser%C3%A3o-demolidas-1.444020>  
Acesso em 18 de agosto de 2016.

### Sites

- Censo Brasileiro 2010 - <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>  
Facebook – [www.facebook.com](http://www.facebook.com)  
IBGE – [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)  
Secretaria Municipal de Habitação - <http://www.rio.rj.gov.br/web/smhc/conheca-o-programa>. Unidade de Polícia Pacificadora – <http://www.upprj.com>